

A VIA DA MISERICÓRDIA

NA SABEDORIA DOS PADRES DO DESERTO

SELEÇÃO, TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO
Isidro Pereira Lamelas

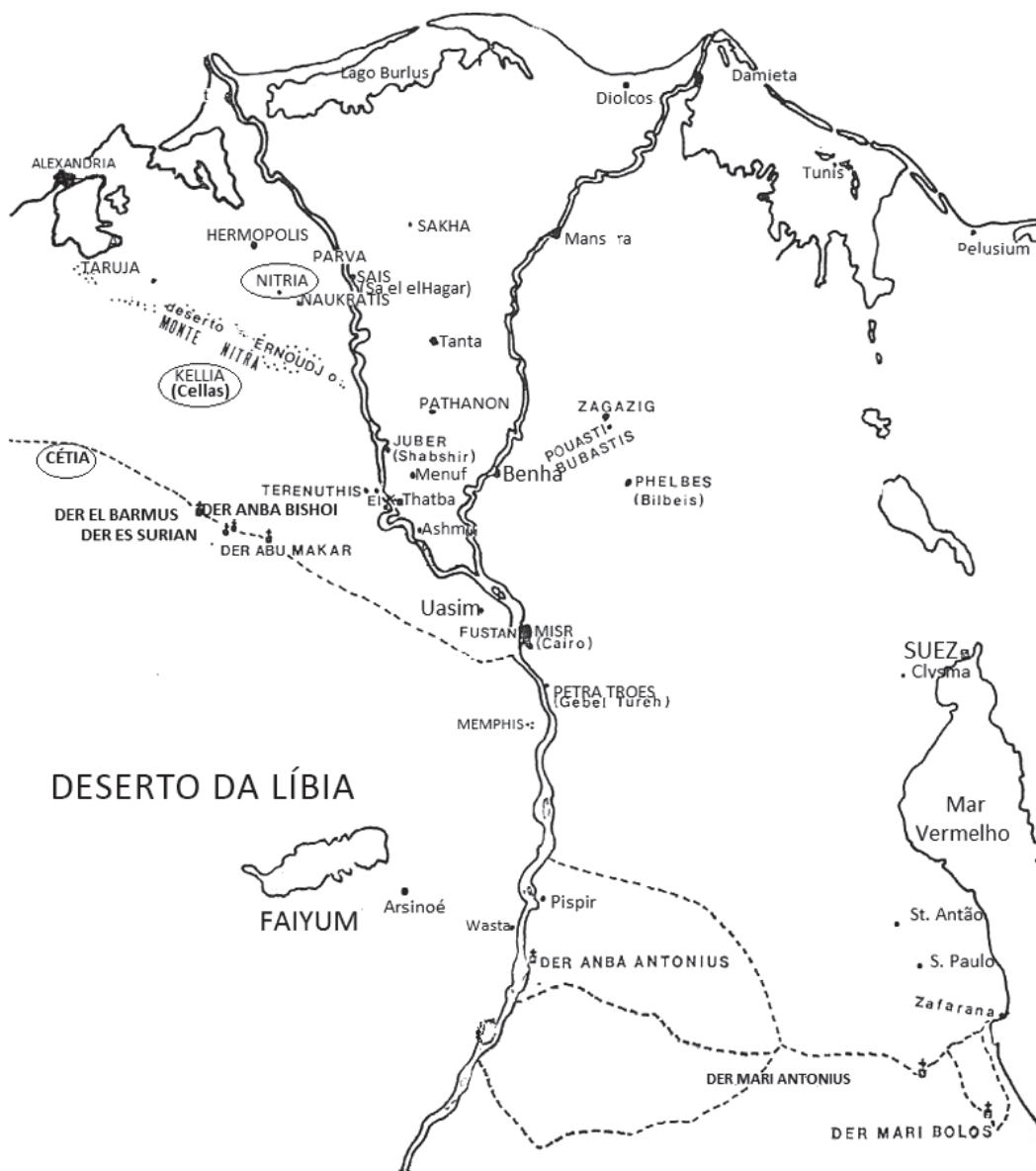
ILUSTRAÇÕES
José Filipe Pereira Lamelas

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA
LISBOA 2016

Índice

Siglas e abreviaturas	9
Apresentação	11
Diz-me uma palavra!...	23
Buscadores de Deus	25
Misericórdia, caminho para Deus	42
Imitar a misericórdia de Deus	49
Sob o manto da misericórdia	58
A arte da misericórdia	91
As obras de misericórdia	95
Misericórdia que se estende a todas as criaturas	117
A sua misericórdia de geração em geração	123

MAR MEDITERRÂNEO



Geografia dos Padres do Deserto

Apresentação

«Vou conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração»

(Os 2,16)

«Quero a misericórdia, e não o sacrifício»

(Os 6,6)

«Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi
conduzido pelo mesmo Espírito ao deserto»

(Lc 4, 1)

«Busca Deus, e não onde está Deus»

(Sisoé)

«Eis que eu mesmo vou seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração» (Os 2,16). No interior de todo o ser humano, peregrino neste mundo e no tempo que passam, ecoa, ainda que em surdina, esse apelo ao deserto e ao silêncio, como condição de escuta e de encontro.

Há muito que se fala da nostalgia do silêncio como nota característica da cultura contemporânea a qual, ao mesmo tempo, parece conviver melhor com o rumor da cidade do que com a silenciosa solidão¹. Não será por acaso que a

¹ Cf. MASSIMO BALDINI, *Le parole del silenzio*, Milano 1986, 9-11; IDEM, *Le dimensioni del silenzio*, Roma 1989, 9-10.

sabedoria dos «Pais» do deserto tem vindo a merecer um crescente interesse, conquistando discípulos e seguidores, inclusive nas áreas menos prováveis, como na gestão e liderança de grupos e empresas² ou na terapia das enfermidades da alma e do corpo; mas sobretudo enquanto mestres de uma sabedoria perene.

É verdade que se trata muitas vezes de um tipo de «seguidores» pouco fiéis, que, querendo tornar atual a sabedoria tão nova e tão antiga dos Padres do Deserto, incorrem frequentemente na tentação de «modernizar» esses «anciãos», transformando os seus *apotegmas* em «pensamentos bonitos»³.

Ora o deserto não produz «pensadores» nem «pensamentos», e muito menos «pensamentos bonitos». É bem mais provável que nele encontremos profetas incómodos e terapeutas da alma que não hesitam em pôr o dedo nas feridas mais profundas nem receiam enfrentar os «demónios» mais ocultos que nos tentam. Tudo isto com o intuito primeiro de libertar e curar pela via da misericórdia. Esta, longe de ser uma espécie de carícia sobre as feridas da alma, é um remédio de graça que também exige trabalho e dor, como no-lo dão a entender tanto os Padres como as

2 Cf. A. GRÜN, *A sabedoria dos monges na arte de liderar pessoas*, Petrópolis 2005.

3 Os riscos de tal modernização dos Padres do Deserto pode levar-nos a esquecer quem eles realmente são: «vozes que clamam no deserto», palavras que não se deixam «domesticar» por um uso alheio ao devido contexto (deserto) e a pretexto da qualquer «espiritualidade» que não radique no encontro com Deus e seguimento de Cristo.

Madres do deserto: «Devemos acender o fogo divino em nós mesmos, com lágrimas e esforço», dizia a madre Sinclética.

Toda a ascese ou exercitação espiritual, bem como o retiro e êxodo eremítico do monge, visam a paz que só se poderá alcançar no oásis do Amor de Deus. É aqui que o homem espiritual encontra a fonte para o tão almejado repouso do coração: um coração silente que não julga, não condena, não calcula nem se impacienta, mas simplesmente ama em Deus. Ama Deus e o próximo, como ele é e não como deveria ser; ama o outro perseverantemente, tal como Deus ama, incondicionalmente. Nisto consiste a misericórdia.

No retiro silencioso e no seu modo de vida desconcertante, estes buscadores de Deus escavaram poços de sabedoria que, inevitavelmente, nos conduzem ao Evangelho não domesticado, mas também nos aproximam das fontes da sabedoria perene, mostrando-nos que as sementes do Verbo estão realmente presentes em todas as tradições e experiências religiosas honestas.

Escrever sobre os Padres do Deserto só faz, pois, sentido se for para aprendermos com o seu silêncio. Por isso, as «palavras de ouro» que selecionámos para esta antologia não são senão centelhas de fogo que se soltam das vidas ocultas desses homens abrasados e «ébrios de Deus», como lhes chamou S. Macário, um deles, no século iv⁴.

4 MACÁRIO, *Homilia XVIII*, 7. A vida espiritual do monge é muitas vezes expressa com a imagem do fogo: «O pai José disse ao pai Lot: “Não podes tornar-te monge se não te tornares todo como fogo ardente”» (*José de Panefo* 6; cf. *Ibid.* 7).

Assim, devendo nós dizer senão o essencial para os menos informados, comecemos por situar-nos no tempo e espaço. Com a viragem constantiniana (*Édito de Milão* 313), o cristianismo passou de religião ilícita e perseguida, para a condição, primeiro, de religião tolerada e, logo, a Igreja protegida e beneficiada. Se até então o «nome cristão» era sinónimo de combate e martírio, com a conversão do império à nova religião, passou a viver-se muito bem «neste vale de lágrimas». As consequências de tão célere viragem depressa se fizeram sentir. Muitos cristãos são-no apenas de nome, adiando o batismo para o fim da vida, continuando a viver pessoal e socialmente identificados com a vida secular que deixou de trazer problemas de consciência e de convivência. Alguns escritores de renome, como Eusébio de Cesareia, reelaboram uma «teologia política» que chega a identificar o «Reino de Deus» com o reinado do imperador «convertido».

Neste novo cenário tão rapidamente consumado, alguns cristãos que guardavam ainda bem viva a memória da perseguição e alto preço que muitos de seus antepassados pagaram pelo testemunho da fé, optaram por encontrar uma nova forma de manter o combate da fé, sem cedências à onda secularizante que invadira a Igreja imperial.

São conhecidos como «Padres do Deserto», porque começaram por se retirar no ermo desértico, primeiro no Egito, depois, noutras partes, como a Palestina e Síria. Os mais antigos e primeiras gerações povoaram, de facto, o deserto egípcio, entre os séculos iv e v, mas depressa a fama destes campeões da ascese se espalhou a outras

regiões, num movimento de múltiplas vagas que, sob diversas modalidades (anacoretismo, semianacoretismo, cenobitismo), encontrará continuadores ao longo dos séculos, a oriente e ocidente, até aos nossos dias.

Ascetas cristãos sempre os houvera. Na senda das orientações de S. Paulo (cf. *1Cor* 7,25-39), desde a primeira hora, houve cristãos que abraçaram um modo de «vida consagrada» a Deus, optando, inclusivamente, alguns por permanecerem célibes. Num contexto de perseguição, estes cristãos travavam o «combate da fé» sem sair da sua casa, sem se afastar da cidade e sociedade dos homens.

O emergir do monaquismo, no século iv, assinala, portanto, não uma novidade absoluta na vida e espiritualidade cristãs. O que é novo é o modo de vivência do ideal de perfeição cristã pela via «monástica». O que é novo são as circunstâncias que levaram ao nascimento de uma verdadeira «escola» de espiritualidade, em que os mais velhos (ancião, pai, aba, abade⁵, madre, mãe) exercem sobre os mais novos uma paternidade espiritual, fazendo discípulos

5 Estas designações são equivalentes: o apelativo *abba* «pai», para designar o ancião ou mestre espiritual, inspira-se no Antigo e no Novo Testamento, e sublinha, por um lado, o carácter pessoal da relação do discípulo com o «pai espiritual», mas remete também para a referência essencial ao Deus Pai. Nos textos neotestamentários *abba* é um vocativo ou possessivo que designa «meu pai», dirigido à primeira Pessoa da Santíssima Trindade por Jesus (*Mc* 14,36) e pelo Espírito do Filho que clama no coração do crente (*Gl* 4,6; *Rm* 8,15). Ao retomar este vocábulo para designar os anciãos, os monges reivindicam uma ligação pessoal, íntima e fecunda com os seus mestres e, ao mesmo tempo, exprimem um ato de abandono e submissão, confessando que através do *abba* se chega ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

e seguidores. Destes «pais» (e mães)⁶, ou mestres, que ensinaram mais com a vida e o silêncio do que com palavras, acabaram por conservar-se muitas tradições e ensinamentos, sob a forma de «ditos» (*Apoftegmata*)⁷, transmitidos, primeiro oralmente, e, mais tarde, postos por escrito.

Diz-me uma palavra! Assim nasceram e ganharam forma os «ditos» dos Padres do Deserto. Contudo e rigorosamente falando, os Padres do Deserto não nos deixaram «palavras» nem escritos. Muito mais do que «palavras» ou ensinamentos são, segundo a feliz expressão de S. Agostinho, sentenças que possuem «o sonoro e falante silêncio da verdade»⁸.

Estamos, de facto, perante palavras forjadas no silêncio de uma vida despojada e provada no crisol da humildade radical; são «palavras ilustradas com a vida», palavras-testemunho que, por isso, também podem ser «retratadas» em «quadros vivos». Os desenhos que acompanham esta antologia não visam, por isso, apenas «ilustrar» ou embelezar as páginas da mesma, mas sugerir episódios vivos de uma espiritualidade concreta que vale a pena contemplar sem pressa de fugir, nem medo de não chegar.

6 Embora a paternidade espiritual seja exercida sobretudo por homens, também encontramos importantes «mães» do deserto, que deixaram os seus ótimos ensinamentos, como é o caso de Sara, Sinclética e Teodora.

7 O termo «apotegma» (ἀπόφθεγμα) é usado, desde o século vi, para designar as sentenças dos Padres do Deserto. Originariamente, o vocábulo usado era ῥῆμα (*rhêma*) (relato, acontecimento significativo, palavra extraordinária de uma pessoa, ou a vida e o testemunho da própria pessoa). As recolhas dos *rhêmata* dos Padres do Deserto são também chamadas *Gerontika*, isto é, palavras dos anciãos. Cf. DOROTEU DE GAZA, *Carta*, 2 (SC 92, 112); *Instruções*, 17; 18; 37; 60; 71; 125; 151; 174 (SC 92; 172; 174; 202; 272; 382; 424; 474).

8 AGOSTINHO, *De libero arbitrio*, II,13,35.

Sabemos que estas palavras essenciais dos «anciãos» foram lembradas e repetidas ao longo dos séculos como «regras» de vida, antes e depois do surgimento das primeiras *Regras* monásticas escritas⁹. Efetivamente, a «escola» do deserto é de uma sabedoria sem livros nem mestres, mas com «pais» que, através das suas vidas e «palavras práticas», apontam caminhos de perfeição que passam sempre pela via da misericórdia. Mais do que teóricos da espiritualidade, estes «pais espirituais» são, por isso, uma reserva inesgotável da humanidade e de humanismo, precisamente porque deixaram incendiar a sua vida pelo fogo regenerador do amor «misericordioso eterno» e terno de Deus.

Dizer que Deus é amor não é apenas uma revolucionária afirmação teológica, mas um recomeço renovador de toda a humanidade na sua existência e coexistência. Se Deus é amor, a misericórdia é a dimensão prática da Caridade que Deus é. Se «Deus mora onde há caridade» (*ubi caritas Deus ibi est*), a misericórdia é o estilo próprio de viver e habitar dos discípulos de Cristo. O que nos é proposto nas palavras cheias de misericórdia destes homens e mulheres do deserto é esta nova forma de presença de Deus entre nós e de comunhão dos homens entre si.

Cientes de que a verdadeira caridade consiste em ser misericordioso como o Pai do Céu (Lc 6,36) que derrama a sua bondade e misericórdia infinitas sobre todas as

9 Um dia perguntaram ao pai Poemen como comportar-se em relação aos discípulos. E eis a resposta: «Sê para eles um modelo, mas não um legislador» (*Poemen* 174).

criaturas (cf. *Mt* 5,45), os Padres do Deserto costumam alargar esse dom também aos animais e, alguns, vão mesmo mais longe, como é o caso de Santo Isaac de Nínive, um dos monges citados na presente antologia que viveu no século VII ao norte da atual Mosul, e que define o «coração misericordioso», nestes termos:

«Coração misericordioso é um coração incendiado (de amor) por toda a criação: pelos homens, pelas aves do céu, pelos animais da terra, pelo demónio, por toda a criatura»¹⁰.

Segundo este mesmo pai espiritual, o monge «foi colocado neste mundo para invocar a misericórdia e velar pela salvação de todos e de tudo, e para se unir aos sofrimentos de todos os homens, justos ou pecadores»¹¹.

Porque a misericórdia, para além de não conhecer limites, é algo de essencialmente prático, enquanto dom de Deus restituído na pessoa do próximo, porque nele está Deus, Evágrio e os demais «Padres doutos» deram ao exercício da misericórdia o nome de «práxis». A práxis é essa «ciência prática» do amor ao próximo pela misericórdia.

Os Padres do Deserto propõem-nos essa prática de misericórdia, que é via de reconciliação da criatura com o Criador e do homem com o seu semelhante e com todos os seres. A paz reconquistada é fruto desta nova sementeira de misericórdia reinventada por Cristo e continuada pelos seus discípulos, em cada tempo e em cada deserto

¹⁰ ISAAC DE NÍNIVE, *Primeira coleção* 74. Cf. ENZO BIANCHI, *Uomini e animali visti dai Padri della Chiesa*, Magnano 1997, 74-79.

¹¹ ISAAC DE NÍNIVE, *Primeira coleção* 65.

ou cidade habitados por muitos buscadores de Deus e um punhado de justos.

Como os próprios «monges do deserto» nos ensinam, não é o deserto que faz o monge, e de nada valem o silêncio, o jejum ou múltiplas formas de ascese e anacorese, sem a caridade que nutre a misericórdia. Eles aconselham-nos a buscar a simplicidade e pureza do coração, cultivando, antes de mais, um «coração justo» e pacífico; liberto, não das tentações, mas das más opções do homem dividido ou da alma inchada pela soberba.

Todo o edifício da virtude assenta, por isso, no alicerce da humildade que leva a acusar-se a si próprio, em vez de julgar os outros; a carregar os fardos do próximo, em vez de lhe agravar a carga; a encobrir as quedas dos fracos, em vez de apontar o dedo e atirar pedras; ao perdão das ofensas, em vez do ressentimento e a justiça pelas próprias mãos.

Se algo de novo encontramos nestes insaciáveis buscadores de Deus é o radicalismo com que querem imitar a misericórdia do Pai e, a compaixão de Jesus, como caminho novo. Um caminho que o Papa Francisco nos repropõe, neste ano jubilar da Misericórdia, nas seguintes palavras que tão bem resumem a via da espiritualidade misericordiosa proposta pelos Padres do Deserto:

«O Senhor Jesus indica as etapas da peregrinação através das quais é possível atingir esta meta: *Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á*

dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco (Lc 6, 37-38). Não julgar nem condenar, é muito mas não é tudo; perdoar é muito mais, mas ainda não é tudo; dar sem medida, é a medida da misericórdia que Jesus propõe aos seus discípulos: ser instrumentos do perdão, porque primeiro o obtivemos nós de Deus. Ser generosos para com todos, sabendo que também Deus derrama a sua benevolência sobre nós com imensa magnanimidade» (Vultus misericordiae).

Resta dizer uma palavra final sobre os motivos e critérios da presente antologia. Como sabemos, é longa e complexa a história da transmissão dos «ditos» dos Padres do Deserto. Eles foram conservados e divulgados, ao longo dos séculos, sob diversos tipos de coleções e antologias, segundo dois grandes modelos organizativos: alfabético e temático¹². Sem querer substituir as edições, mais ou menos completas, já existentes, retomámos também nós

12 Conservam-se a memória e as «palavras» de cerca de 120 monges, isto é, apenas dos que se tornaram mais célebres pela sua vida e palavra carismática, de entre os muitos milhares que abraçaram o mesmo género de vida entre os séculos IV e V. A maioria viveu nos grandes centros monásticos, coincidindo com três vastos desertos do baixo Egito: o deserto de Níttria (fundado por Amon, pelo ano 325, e que chegou a acolher cerca de 5000 monges); o deserto de Cétia (fundado por Macário, o Egípcio, pelo ano 330, onde viveriam à volta de 500 monges); o deserto de Células (*kellia*, fundado também por Amon, em 338, onde viviam cerca de 600 monges). Também o deserto da Palestina (monte Sinai, Tebas e Jerusalém) constituiu outro polo de florescimento monástico. Veja-se p. 10.

o modelo «temático», assumindo, como ideia unificadora a misericórdia. Por outro lado, a nossa recolha não se restringiu às coleções clássicas dos *apotelesmas*, uma vez que achámos oportuno enriquecer o referido tema, recorrendo a outras fontes monásticas antigas e afins.

Esta antologia temática ilustrada apresenta-se, pois, configurada por três motivos e objetivos fundamentais: mostrar, em primeiro lugar, que a vida e espiritualidade cristãs ou trilham o caminho da misericórdia ou pouco têm a ver com o Deus de Jesus Cristo; ajudar a entender que tal caminho passa pela recuperação da interioridade e reencontro consigo, com Deus e com o próximo; e ilustrar, com testemunhos que «falam por si», que a via da misericórdia é realmente, enquanto espiritualidade concreta, um caminho libertador e terapêutico que a todos fará muito bem.

«O enigma – escreveu Ésquilo –, revela-se a quem sabe conservar o silêncio no seio da palavra». Os votos que formulamos são os de que os leitores encontrem nestes «ditos» germinados no silêncio do deserto algumas luzes para uma existência quotidiana repleta de misericórdia e orientações para um futuro iluminado pela sabedoria e cheio de esperança.